



Seu Lunga: símbolo de grosseria a partir do folheto de Abraão Batista ¹

Gislene CARVALHO²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Joaquim dos Santos Rodrigues é o referente denotativo do signo /Seu Lunga/. Cada vez um número maior de pessoas conhece os causos e continua reproduzindo o discurso a que tiveram acesso pela literatura de cordel. O objetivo é observarmos a construção semiótica de um personagem que tem referente no real pela mídia cordel, uma mídia popular e com grande público no Nordeste Brasileiro. Neste trabalho observamos a construção de Seu Lunga como personagem e seus significados capazes de torná-lo mito presente no imaginário social nordestino. Realizamos uma análise semiótica e bibliográfica. Abordamos conceitos de semiótica, mito e imaginário e buscamos aplicá-los ao discurso construído pelo cordelista Abraão Batista ao seu personagem no folheto “Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo”.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel, Seu Lunga, Símbolo, Imaginário, Folk-mídia

Introdução

No Nordeste Brasileiro, quando falamos em Seu Lunga, um personagem da literatura de cordel que remete a Joaquim dos Santos Rodrigues, temos uma infinidade de referências, todas relacionadas a respostas impacientes a perguntas óbvias. O imaginário que se forma em volta do personagem é composto pelos significados que Seu Lunga encontra como um símbolo de grosseria ou mesmo de piada.

Este é apenas um exemplo de como os signos compõem nossa percepção do mundo, o imaginário coletivo. A partir deste caso, em que aplicamos conceitos de semiótica à expressão /Seu Lunga/ e seus significados, pretendemos observar a forma como a literatura de cordel cria este personagem e dá-lhe características que serão difundidas socialmente. Para esta observação, utilizamos o primeiro volume do folheto “Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo”, do poeta Abraão Batista, o primeiros a imprimir as histórias e fazerem de Seu Lunga um personagem conhecido além das fronteiras de Juazeiro do Norte, cidade onde vive.

Trabalhamos o signo em relação ao seu objeto, tratando /Seu Lunga/ como uma construção simbólica cheia de significações. Para isso, utilizamos os conceitos de signo

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: mgisacarvalho@gmail.com



trabalhados por Eco, 1990; pensamento simbólico para Morin, 1999 e imaginário para Legros et al, 2007, considerando que a criação de um personagem passa por estes conceitos. Esta abordagem é importante, pois, para Eco, 1990, p.144, “na perspectiva peirciana, toda a vida mental é organização sgnica”, e “A significação é a relação entre um signo e a coisa de que ele é signo”. (ECO, 1990, p.141).

Assim como sugerido por Eco, 1990, utilizaremos /Seu Lunga/ entre barras quando nos referirmos ao signo na forma de significante, Joaquim dos Santos para falarmos do homem real, físico e Seu Lunga, sem barras, para o personagem construído no imaginário com seus significados e interpretantes.

Signos, Símbolos e Imaginário

Os signos são fundamentais para estabelecer os processos de comunicação. “O signo é usado para transmitir uma informação, para indicar a alguém alguma coisa que um outro conhece e quer que outros também conheçam.” (ECO, 1990, p.21). De acordo com o autor, a mensagem é a organização complexa de vários signos. Mas para que haja compreensão, é necessário que emissor e receptor compartilhem de um mesmo código, definidos como “sistemas que consistem de elementos que representam, (substituem), algo. Tais elementos são chamados de “símbolos” e o algo que representam é chamado “significado”.” (Flusser, sem ano, p.2)

Signos podem ser dotados de vários significados, assim como um mesmo referente pode ter vários significantes. Podem também ser considerados em relação aos seus significados e com relação aos efeitos sobre os receptores, de acordo com a mediação realizada.

Signos “equivocos” e “plurívocos” (ECO, 1990, p.46) são classificados de acordo com seus significados. Ambos possuem mais de um significado, sendo os equivocos relacionados aos homônimos e os plurívocos relacionados às metáforas e conotações.

Na literatura de cordel, os signos organizados no código da fala dos poetas, compõem uma poesia próxima da oralidade, inclusive por conta de suas origens e de sua prática performática que se assemelha à cantoria. Tais códigos precisam ser compreendidos pelos leitores/ouvintes para que haja decodificação e, no caso da descrição de Seu Lunga, o riso.

Os códigos possuem uma série de regras de composição que atribuem significado aos signos, estabelecendo os processos de significação, ou seja, uma



representação da realidade. Para isso, cada signo é composto pela tríade significado – significante – referente.

Há divergências terminológicas quanto a utilização das palavras significado, significante e referente, mas as utilizaremos por julgarmos adequadas para a compreensão de /Seu Lunga/ como o significante de um símbolo.

Para Morin, 2007, o significante é o nome, um signo arbitrário de um significado - sentido, e de um referente, que trata-se da coisa nomeada e o símbolo impõe-se como algo que contém referente, significante e significado no mesmo elemento. “O símbolo comporta a relação forte entre sua própria realidade e a realidade designada.” (MORIN, 2007, p. 188) Já para Eco, 1990, os símbolos são os signos classificados como vagos, ou seja, que possuem vagamente uma série de significados, estabelecidos por convenções, muitas vezes arbitrárias.

Na construção do signo e na relação entre significante e significados estão as denotações e conotações, que integram a variedade de sentido nos discursos. Um signo, segundo Eco, 1990, denota uma posição no sistema semântico, no conjunto de signos que compõe um código. Já a conotação remete a mais de uma unidade do sistema, sendo utilizada em metáforas através de combinações entre o signo e o imaginário, dando ao significante a possibilidade de diversos significados.

De acordo com Eco, 1990, o uso da linguagem está relacionado aos estímulos emotivos constituídos pelos termos escolhidos. No caso do cordel sobre Seu Lunga, a emoção suscitada pelo discurso é o riso, justamente pelas possibilidades de variadas interpretações que um enunciado poderia ter e que Seu Lunga entende como errado e merecedor de resposta agressiva.

A semiótica conotativa é encontrada em segundo e terceiro níveis e, por isso, possui variados significados. O segundo é aquele cujos significantes são signos de semiótica denotativa. O terceiro possui significantes como signos de uma semiótica denotativa em primeiro nível e conotativa em relação ao nível mais baixo. É como no caso de Seu Lunga que em primeiro nível representa Joaquim dos Santos e em segundo nível, o personagem e/ou a metáfora que se refere às pessoas de respostas rudes.

De acordo com Morin, 2007, os símbolos têm um sentido evocativo, que suscitam a representação da coisa nomeada. Para ele, o espírito humano reside na linguagem e as palavras são, além de evocadoras, indicativas, pois são capazes de designar coisas. Os símbolos são representações do imaginário humano e estão presentes em todos os âmbitos da sociedade remetendo à construção da realidade. A



partir de símbolos, o imaginário liga-se diretamente a uma ou mais representações da realidade.

Falar em personagens, por exemplo, quando o destinatário tem conhecimento do significado daquele nome próprio, evoca a imagem construída pelo autor em sua obra. Por exemplo, quando fala-se em João Grilo, conhecedores do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna ou do folheto de João Martins de Athayde terão em mente a imagem do personagem sertanejo, franzino e muito esperto, da forma como foi construído.

A representação existe para reconstituir algo em sua ausência, de acordo com Morin, 2007.

“O poder evocativo das realidades concretas e subjetivamente vividas expande-se na linguagem poética e, sobretudo no pensamento justamente denominado simbólico, pois suas noções essenciais são símbolos intensamente carregados da presença, da verdade e das virtudes simbolizadas.” (MORIN, 2007, p.190)

O imaginário está ligado ao simbólico que, por sua vez, representa a realidade. O Legros et al., 2007, apontam, dentre as funções sociais do imaginário a criatividade social e individual e a comunhão social que favorecem os sistemas de memória coletiva e representação das tradições. Para os autores, as relações entre imaginário e real revelam a complexidade da condição humana.

O psicológico está diretamente ligado às representações do imaginário. “O medo nos contagia, o fanatismo, o entusiasmo das massas, o vasto repertório das paixões, a conquista do absoluto ou a procura do “desenraizamento” e o gosto da aventura.” (LEGROS et al, 2007, p.18). São os símbolos que integram o imaginário e criam mitos e representações da realidade, por exemplo, as manifestações populares de comunicação, integração, rituais, manutenção de tradições, criação de arquétipos etc.

Legros et al., 2007, apresentam a noção de imaginação como sinônimo de imaginário. E a imaginação seria ao mesmo tempo uma representação e imaginário, por isso está relacionada à realidade e a representa através dos símbolos. “O imaginário é um pensamento simbólico total na medida em que este último ativa os diferentes sentidos de compreensão do mundo.” (LEGROS et al, 2007, p. 112).

Os símbolos demandam interpretação. Personagens só se fixam no imaginário das pessoas, pois há interpretação de seus atos, comportamentos, personalidades. O interpretante seria, de acordo com Eco, 1990, outro signo que traduz o primeiro signo, podendo ser uma ação ou comportamento, uma mediação exercida no momento da transmissão dos signos e de sua decodificação. Por exemplo, o riso pode atuar como



interpretante de anedotas. O interpretante “é o mecanismo semiótico através do qual o significado é predicado de um significante.” (ECO, 1990, p.154)

Os símbolos imaginários proporcionam uma coesão entre os indivíduos que os compartilham, permitem o uso de metáforas para explicar a realidade e diferentes tipos de interpretação simbólica. Permitem criar personagens com formas ampliadas, caricaturadas. São personagens mitológicos.

Quem é Joaquim dos Santos, o personagem Seu Lunga?

Joaquim dos Santos Rodrigues, Seu Lunga, se fez conhecer a partir de suas respostas impacientes para aqueles que fazem “perguntas imbecis”. Ele seria só mais um homem comum no interior do Ceará, não fossem aqueles que usaram sua paciência curta para fazer piada. Esta imagem, difundida pelo boca-a-boca no cotidiano daqueles que conheciam Joaquim dos Santos, que vira então Seu Lunga, começou a ser ampliada pela literatura de cordel na década de 1980 com os folhetos escritos por Abraão Batista.

Joaquim dos Santos mora em Juazeiro do Norte- Ceará, a 514Km da capital, Fortaleza. Juazeiro é a cidade onde Padre Cícero se consolidou enquanto santo não canonizado. Seu Lunga se diz devoto do padre. Ele é dono de uma sucata que vende de tudo, desde aparelhos de televisão que não se encontram mais em lojas, até laranjas, ao preço de 6 por R\$1. Nasceu no município de Caririaçu em 1927 e recebeu o apelido de uma senhora, que era vizinha, e passou a chamá-lo de Calunga, que mais adiante se reduziu para Lunga.

A revista “Entrevista”, produzida pelos alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, de número 9, ano 1999 traz Seu Lunga como entrevistado. Na conversa ele falou sobre sua infância, a educação rígida recebida de seu pai, sobre a educação que deu a seus 13 filhos, opinou sobre o sistema político do país, enfim, mostrou-se um homem que entende e fala bem sobre qualquer assunto e com qualquer pessoa, como ele mesmo diz.

“O pai Lunga reflete a rigidez do homem que deu origem a toda a construção da personagem pouco flexível, mas ao mesmo tempo deixa transparecer o orgulho comum a todos os pais: oferecer boa educação aos filhos.” (LINDOSO, 2000) Joaquim dos Santos se orgulha dos filhos, todos com uma profissão, e se arrepende de não ter dado a mesma educação que recebeu do pai, por conta da esposa que era contra dar castigo aos filhos. Ele começou a trabalhar aos 8 anos de idade, na roça com o pai, e aos 16 anos foi morar no Juazeiro. Casou-se em 1951 com uma prima e teve com ela 13 filhos.



Ao chegarmos em sua sucata, o que percebemos é exatamente o contrário da hospitalidade. Durante os 30 minutos de conversa que tivemos, percebemos claramente o incômodo causado pelas perguntas, pelas pessoas que passam na rua e chamam seu nome. Joaquim dos Santos afirma sentir-se incomodado por muitas pessoas o procurarem para fazer entrevistas e para tirar fotos. Como prova disso, assim que chegamos para entrevistá-lo, a resposta para a primeira pergunta foi “isso é uma coisa que não interessa a você”. (A pergunta foi sobre o que ele acha da imagem dele, passada pelos cordéis). Em seguida chegou um grupo de turistas de Salvador-BA e pediram para tirar uma foto com ele. Seu Lunga respondeu perguntando se em Salvador, por acaso, não teria homem para tirar foto, pois foi necessário irem ao Juazeiro do Norte para isso.

Mesmo que Joaquim dos Santos tenha, realmente, uma personalidade rude e não-cordial, ele se julga um homem injustiçado pelas “mentiras” que contam sobre ele.

Olhe, nós estamos num Brasil sem moral. Num Brasil sem respeito. Num Brasil sem Justiça. Porque tem um senhor aqui que escreve uns folhetozinhos (cordel) falando da minha pessoa. Dizendo o que eu não sou, inventando histórias, inventando isso e aqui outro, dizendo que sou o homem mais ignorante do mundo. Mais zangado do mundo. E fica inventando cada vez mais histórias.

(<http://www.opovo.com.br/opovo/paginasazuis/866386.html>)

Acesso: 15/05/2009

A identidade de Seu Lunga, mostrada nos cordéis, nada mais é do que uma construção de vários discursos. Todo mundo já ouviu pelo menos uma anedota atribuída a Seu Lunga, e isso gera um ciclo em que cada um sabe uma história e conta-a com suas devidas distorções. Com suas histórias e causos, rimos através das respostas, nem sempre reais, mas que aparecem sempre quando é feita uma pergunta ou comentário “idiota”:

*O filho de Lunga um dia
De uma bicicleta cai
A mãe não estava em casa
Seu Lunga ao hospital vai
Perguntou-lhe a enfermeira:
- Moço, o senhor é o pai?*

*Lunga disse: -Eu sou a mãe!
E a senhorita enfermeira
Pelo que vejo não serve
Nem para ser parteira
Devia ser mais sabida
E não perguntar besteira (Silva, p. 07)*

Os cordéis possuem a capacidade, por atingirem diretamente um grande número de pessoas, de criar mitos, de reforçar estereótipos e de dar suporte ao imaginário popular. No caso de Seu Lunga, isso não é diferente. “O mundo do cordel é um mundo



mítico”. (TAVARES JUNIOR, p.15, 1980) Os cordéis, por possuírem fácil compreensão, conseguem levar suas histórias a diversos lugares.

Os cordéis exercem uma mediação sobre os causos inventados de Seu Lunga. Essa arte, assim como todas as outras, transmite valores, observações e relatos que foram percebidos por todos aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer Joaquim dos Santos Rodrigues. É senso comum a opinião sobre a ignorância deste homem. Mas foi por meio dos cordéis que ele se tornou tão conhecido no Nordeste, e os cordéis quase nunca trazem fatos reais e isso incomoda muito Seu Lunga. O imaginário se sobrepôs ao real.

*O que ponho no papel
Caro leitor foi passado
Depois de ter pesquisado
Perguntas lhe causam arenga
Fica a fumar numa quenga
Pense num velho afobado*

*Está na mídia Seu Lunga
Na memória e no arquivo
Filmado pelo Fantástico
Num quadro demonstrativo
O povo já o consagrou
Lunga com seu mau-humor
Já é um folclore vivo (Rinaré, p. 01, Vol. 07)*

A irritação de Seu Lunga, suas respostas para perguntas e comentários que julga idiotas causam o riso. É um riso até de quem escuta as respostas. Já se vem explicando a irreverência cearense como uma “saída criativa para a crise ou uma alternativa aparentemente não violenta para reagir a outras agressões”. (CARVALHO, p. 608, 2006)

Personagem Seu Lunga

A imagem de Seu Lunga como homem grosseiro começou a ser tratada na literatura de cordel através do discurso de Abraão Batista, professor aposentado da Universidade Regional do Cariri, Urca, que em 1987 publicou a primeira edição do cordel “Seu Lunga, o homem mais zangado do mundo”. Nasce aí o Seu Lunga personagem, o mito ao qual são atribuídas diversas anedotas que contam causos de perguntas que não receberam a resposta desejada. Depois da iniciativa de Abraão Batista, muitos outros cordelistas passaram a contar novos causos e repetir outros. Seu Lunga torna-se um mito do imaginário nordestino.



Somos levados a acreditar que Seu Lunga possui as características das quais ouvimos falar. E Joaquim dos Santos realmente tem, mas a forma como nos é apresentado o Seu Lunga contém exagero, caricatura. A representação, a transformação de Seu Lunga em um personagem destaca apenas uma única característica, que o faz ser lembrado pela simples menção de um nome. Por exemplo, quando conhecemos alguém que não é muito simpático, logo apelidamos de Seu Lunga.

Esta identidade se construiu a partir dos cordéis que circulam em todo o Nordeste com invenções, criações, estereótipos e caricaturas de Seu Lunga. Levam signos que serão decodificados com o riso.

*Numa noite, já sem sono;
uma muriçoca a zumbir
nos ouvidos de Seu Lunga
que não podia mais dormir
virava prum canto e outro
sem a bicha querer sumir.*

*Depois de perder o sono
um bote Seu Lunga armou
na rapidez de um gavião
a tal muriçoca pegou
acendeu a luz do quarto
e para o inseto gritou:*

*Muriçoca filha da égua
você agora vai ver
se é bom fazer zoada
pra ninguém adormecer;
e gritou pra muriçoca
até o dia amanhecer!*

O riso é um interpretante capaz de se espalhar com facilidade, viabiliza a consagração de uma identidade inventada. O Seu Lunga criado pelos cordéis passa a ser um bem de mercado, um produto, buscado por quem os compra para conhecer os novos causos.

*Todo mundo quer ouvir
de Seu Lunga a lição
outros até procuram
na rua, ou no salão
a última de Seu Lunga
com a sua malcriação.*

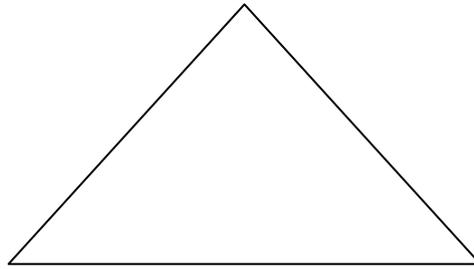
Quando falamos em Seu Lunga, /Seu Lunga/ é o signo utilizado para remeter ao homem real, Joaquim dos Santos, natural de Juazeiro do Norte, dono da sucata e este é o referente. Mas o imaginário oferece ao signo /Seu Lunga/ significados diferentes, que



normalmente são aqueles divulgados pelo personagem dos folhetos de cordel: homem rude, grosseiro e impaciente a ponto de ser engraçado.

Significado: características do personagem apresentado nos folhetos

Significante: Seu Lunga



Referente: Joaquim dos Santos

O significante do signo /Seu Lunga/ pode ter significado denotativo e/ou conotativo. Em sentido denotativo, o referente é o homem conhecido como Seu Lunga, Joaquim dos Santos. Conotativamente, o sentido está ligado ao personagem dos folhetos ou difundiu-se como alcunhas, por exemplo. Quando, no cotidiano, as pessoas respondem grosseiramente de forma inesperada a alguma pergunta, costumam ser chamadas de Seu Lunga, como forma de associação de comportamentos. Como se o signo /Seu Lunga/ fosse um tipo de adjetivo, um signo designador, realçando elementos de determinada situação ou comportamento, no caso, é comum acontecer para respostas agressivas.

O máximo de univocidade corresponde ao máximo de abertura. Assim, parecem absolutamente unívocos os nomes próprios de pessoas, opostos ao caráter genérico dos nomes comuns: mas o nome /José/ é aplicável e aplicado de fato a tantas pessoas que constitui antes um exemplo extremo de homonímia e até de equivocidade. (ECO, 1990, p. 47)

No caso, /Seu Lunga/ pode referir-se a Joaquim dos Santos, ao personagem ou a pessoas com características semelhantes e que recebem tal apelido. Joaquim dos Santos é o sentido denotativo de /Seu Lunga/, enquanto a conotação faz parte da representação feita pelo poeta nos folhetos.

Mas este sentido só existe diante do conhecimento do personagem. O código utilizado necessita do reconhecimento dos envolvidos na comunicação. Quem não conhece o personagem Seu Lunga não reconhecerá seu comportamento em outras pessoas e o signo não será compreendido. Os significados de /Seu Lunga/ estão impressos nos folhetos e:

*Acontece que Seu Lunga
é inimigo da burrice
de perguntas idiotas
gente besta e tolice,
por isso ele se zanga*



com qualquer idiotice.

A simples menção do signo /Seu Lunga/ evoca a lembrança de causos em que conta-se alguma anedota atribuída ao personagem, sem que seja necessária a presença dele. Ele permanece como referência de impaciência e respostas cômicas a perguntas óbvias. /Seu Lunga/ guarda uma série de significados a ponto de virar um adjetivo capaz de permitir identificarmos traços do comportamento de alguém caracterizado como “Lunga”.

Este signo é convencionado pelos conhecedores das histórias. A ideia foi lançada pelo poeta, mas é firmada pelos discursos que propagam os causos ou atribuem a Seu Lunga toda e qualquer referência de grosseria. Por isso, pode ser considerado equívoco – representa significados diversos com um mesmo signo, plurívoco – remete a metáforas, ou um signo vago por tratar-se de um símbolo.

Seu Lunga passa a fazer parte do imaginário, tornando-se um símbolo de grosseria, ainda que o comportamento difundido pelos folhetos tenha sentido cômico. A caricatura, o exagero, a representação de atitudes inesperadas compõe o personagem que não é mais o referente denotativo Joaquim dos Santos. Trata-se, então, da criação de um mito, cujos significados e referentes habitam o imaginário social.

O título do folheto (“Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo”) mostra a apreciação feita pelo poeta e que coloca o personagem como a representação de impaciência. Representa o mito da grosseria. É o símbolo que possui relação direta com seu significado, por ser carregado da realidade representada subjetivamente pelos poetas e ressignificada quando chega aos leitores/ouvintes.

Mitos são “tudo o que diz respeito à identidade, ao passado, ao futuro, ao possível, ao impossível e de tudo o que suscita a interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração.” (MORIN, 1999, p.193) Seu Lunga compõe uma narrativa que tende a perpetuar a imagem associada ao signo /Seu Lunga/ seja na literatura de cordel, seja nos discursos orais que são derivados do imaginário, pois representa situações inusitadas, surpreendentes e únicas, com significações variadas.

O imaginário sobre Seu Lunga está ligado à eficácia simbólica de sua representação. As referências às conotações se sobrepõem à denotação. O referente primeiro não tem a mesma força representativa, pois os significados que foram difundidos estão ligados ao personagem, reproduzido em outros folhetos por outros cordelistas e na mídia tradicional.



O signo /Seu Lunga/ pode ser considerado de modo semântico, ou seja, de acordo com seu significado, mas é sua pragmática, ou seja, seus efeitos e usos, é que o caracteriza como símbolo integrante do imaginário nordestino.

Os interpretantes deste signo /Seu Lunga/ são encontrados nas circunstâncias provocadas por sua decodificação, como o riso, e assim são classificadas como conotação emotiva. Mas o interpretante de /Seu Lunga/ pode ser também algum termo que substitua a utilização do signo a fim de que seja compreendido. Pode ser um sinônimo ou uma tradução. /O homem mais zangado do mundo/ é capaz de substituir /Seu Lunga/ sem prejuízo na compreensão, sendo apresentado como aposto no título do folheto.

As interpretações e utilizações do signo /Seu Lunga/ presentes no imaginário coletivo, principalmente no Nordeste Brasileiro, são uma construção cultural que foram criadas em narrativas orais e adquiriram permanência na literatura de cordel. Seus significados integram o sentido do termo que refere-se ao mito e que tende a permanecer na memória coletiva através do discurso popular.

Considerações finais

O mito da identidade de Seu Lunga é composto pela relação entre significante e significados a que ele remete. Trata-se da criação de um símbolo pela literatura de cordel, que por ter um grande alcance, consegue oferecer a seus personagens permanência no tempo e no espaço. E como símbolo, possui referente, significante e diversos significados.

Os cordéis, com sua linguagem simples e acessível, são capazes de sustentar uma tradição ou um mito, como é o caso de Seu Lunga. Foram eles os responsáveis pela divulgação da caricatura que se consolidou e transformou o Seu Lunga real no seu Lunga imaginário, com quem às vezes temos medo de puxar conversa ou de fazer uma pergunta, por desconhecermos o que pode vir de resposta.

A caricatura passa a ser tomada como o referente. Seu Lunga não é mais apenas Joaquim dos Santos, é também o símbolo de grosseria, é o personagem dos folhetos, é o homem mais zangado do mundo. Seus significados são diversos, são conotativos e remetem à metáfora de seu comportamento.

A intenção dos cordelistas que escreveram sobre Seu Lunga era de gerar o riso dos leitores, mas para isso usam anedotas que são, muitas vezes, inventadas. Essas anedotas ofendem o homem real que tem o nome usado como sinônimo de ignorância.



Mas enquanto Seu Lunga continuar existindo e se irritando com as conversas do povo, histórias serão inventadas e contadas sobre ele. O mito permanecerá na medida em que o símbolo continuar vivo no imaginário coletivo e nos discursos difundidos tanto nas narrativas orais, quanto nos folhetos de cordel, não esquecendo da contribuição da TV e da Internet na consolidação desta imagem.

REFERÊNCIAS

- ABBAGANANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ABREU, Márcia. **Então se forma a história bonita: relações entre o folheto de cordel e a literatura erudita**. Porto Alegre: Horizontes antropológicos, 2004
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007
- _____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2006
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1988
- BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo**. 2004
(http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_Barbalho.pdf) Acesso: 15/05/2009
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1972
- CARVALHO, Gilmar de. **Lyra Popular: o cordel do Juazeiro**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006
- _____. **Uma breve história cultural do Ceará**. Anuário do Ceará, 2006. Editora da Fundação Demócrito Rocha
- _____. **Cordel, cordão, coração**. Revista do GELNE (UFC), v. 4, p. 285-292, 2002
- CURRAN, Mark J. **A Literatura de Cordel: Antes e Agora**. *Hispania*, Vol. 74, No. 3, Culture p. 570-576, 1991
- ECO, Umberto. **O Signo**. Lisboa: Presença, 1990
- ENTREVISTA. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, n. 9, jan. 1999.
- FLUSSER, Vilém. **Códigos**. Manuscrito – Arquivo Fluser, Berlim. Sem Ano.
- KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.
- LEGROS, Patrick., MONNEYRON, Frédéric., RENARD, Jean-Bruno., TACISSEL, Patrick. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre : Sulina, 2007.



LIMA, Maria Manuel. **Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem.** Revista da Universidade de Aveiro - Letras, Publicação do Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 1997

(<http://sweet.ua.pt/~mbaptista/consideracoes%20em%20torno%20do%20conceito%20de%20esterotipo.pdf>) Acesso: 06/05/2009

LINDOSO, Ester. **A fantástica construção do nordestino Seu Lunga.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2000

(<http://br.geocities.com/esquinadaliteratura/autores/ester/ester04.html>) Acesso: 28/04/2009

LUYTEN, Joseph Mari. **O que é literatura popular.** São Paulo: Brasiliense, 1992

MORIN, Edgar. **O Método 3.** Porto Alegre: Sulina, 1999

PASTA JR, José Antônio. **Cordel, intelectuais e o Divino Espírito Santo.** In BOSI, Alfredo(org). Cultura Brasileira: temas e situações. São Paulo: Ática, 2002

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso.** São Paulo: Ática, 1992

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos.** Petrópolis: Vozes, 1996

TAVARES JR, Luiz. **O Mito na literatura de cordel.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995

WILLIAMS, Raymond. **Campo e a cidade, O: na história e na literatura.** São Paulo: Companhia das letras, 1989

_____. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

Cordéis:

Seu Lunga: o rei do mau-humor- Rouxinol do Rinaré Vol. 07

Seu Lunga: o rei do mau-humor- Rouxinol do Rinaré Vol. 09

As proezas de seu Lunga: o rei da ignorância- Luiz Alves da Silva

As histórias de Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo- Abraão Batista